



DEPRAVAÇÃO TOTAL: UM OLHAR REFLEXIVO SOBRE O RESULTADOS DA QUEDA NA COMENSALIDADE

Rev. Ucleydson Scherrer ¹

RESUMO

O presente artigo é uma proposta de reflexão, do ponto de vista da fé cristã reformada, sobre a relação dos efeitos da *queda do homem* e a herança que ela relegou a toda humanidade, na perspectiva da comensalidade. Afinal, a forma como nos alimentamos reflete a nossa relação direta com a criação de Deus.

PALAVRAS-CHAVE: Depravação Total. Queda. Comensalidade. Mesa.

ABSTRACT

This article is a proposal for reflection, from the point of view of the reformed Christian faith, on the relationship between the effects of the fall of man and the inheritance that it relegated to all humanity, from the perspective of commensality. After all, the way we feed ourselves reflects our direct relationship with God's creation.

KEYWORDS: Total Depravity. Fall. Commensality. Table.

INTRODUÇÃO

Com uma mordida em um fruto perfeito, nosso relacionamento com Deus foi rompido. A primeira transgressão do homem foi uma transgressão alimentar e através de um fruto proibido, o mundo dos alimentos e nossa relação com a comida repentinamente desabaram. No jardim não havia proibições, exceto por uma árvore e seu fruto. A partir

¹ Administrador, com especialização em Gerenciamento de Projetos pela FGV, especialização em Teologia pelo Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper (EAD) e bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Presbiteriano Reverendo Ashbel Green Simonton. E-mail: ucleydson@gmail.com.

da queda do homem, a harmonia que existia entre os seres humanos, Deus e todo o restante da criação foi perdida e como resultado, o homem perdeu o propósito da sua criação, que é adorar a Deus, passando a experimentar a morte em vez de uma vida plena e abundante. Deus amaldiçoou a terra com espinhos, abrolhos, cardos e exigiu o suor de nosso rosto para que do solo pudéssemos obter sustento². A terra agora geme sob a maldição do pecado e os agricultores até hoje suam e se esforçam para produzir safras e criar variedades de gado suficientes para alimentar a população mundial, porém, apesar disso, a produção e a colheita nunca atingem os mais necessitados. Ou seja, por uma sucessão de pecados, ao mesmo tempo que convivemos com o problema da fome, nos deparamos com o mal do desperdício e em ambos os casos, o impacto é negativo para a criação.

Dados da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) em 2019 mostram que 30% dos cereais, entre 40 e 50% das raízes, frutas, hortaliças e sementes oleaginosas, 20% da carne e produtos lácteos e 35% dos peixes são desperdiçados todos os anos. A mesma pesquisa aponta que esses alimentos seriam suficientes para alimentar dois bilhões de pessoas³.

A comida é um dos melhores presentes que Deus deu ao homem e comer é a atividade humana que mais intimamente conecta natureza, cultura e fé. Diferente de outras necessidades fisiológicas que o homem possui, o ato de comer é repleto de sistemas simbólicos, que permeiam as relações humanas, tornando-o bem mais complexo do que a simples satisfação da fome. Com a comida nos alimentamos e nutrimos não apenas os nossos corpos, mas também as nossas memórias. No entanto, assim como tudo que é bom pode se tornar um ídolo, a comida pode ser uma grande bênção, mas quando entendida da forma equivocada se torna uma pedra de tropeço para o indivíduo. Motivado pelo excesso ou pela restrição, o homem pode desonrar a provisão dada por Deus e a nossa mordomia diante da criação.

Nosso pecado em torno da comida pode ainda estar ligado à ingratidão que o indivíduo carrega em seu coração, diante da escassez de tantos que sofrem por não terem o que comer. Nesse sentido, constata-se que a tradição da comensalidade e da comunhão à mesa adquiriram nas sociedades contemporâneas contornos cada vez mais distantes dos laços de reciprocidade e dádiva, reformulando fatores indispensáveis do ato de comer, em

² Gn 3.17–19

³ BENITEZ, 2019

favor da adequação do consumo alimentar aos ritmos da vida moderna ou ainda da satisfação hedonista do consumo.

A comensalidade desempenha um papel significativo na Bíblia, especialmente no contexto das tradições religiosas e culturais do Antigo Testamento. Na cultura judaica, comer juntos era uma forma de comunhão e expressão de solidariedade entre as pessoas. As Escrituras destacam a importância da comensalidade e fornecem insights sobre seu significado espiritual e social. Por causa do pecado, o povo de Deus recebeu meticulosas leis dietéticas e regras alimentares, que os diferenciava de outras nações⁴. Havia normas, regras e leis a respeito do que comer, quando comer, de que jeito comer e de que forma preparar a refeição.

No Novo Testamento, a comensalidade ganha ainda mais destaque, especialmente nos ensinamentos e ações de Jesus Cristo. Jesus era frequentemente visto compartilhando refeições com pessoas de diferentes origens sociais, inclusive com pecadores e excluídos. Isso provocou controvérsias e críticas dos líderes religiosos da época, que consideravam a comensalidade com pessoas consideradas impuras uma violação das tradições religiosas. Jesus também ensinou sobre a vida cristã e se fez lembrar por meio de símbolos alimentares.

Diante desse vasto cenário, nosso objetivo será analisar de forma introdutória a relação entre um comportamento idólatra e as disfunções alimentares, contrapondo a mentalidade de uma sociedade hedonista com os propósitos de Deus na criação e o quanto o nosso modo de viver afeta o nosso modo de comer, propondo uma reflexão sobre a influência da nossa cosmovisão cristã e o significado da comida.

1 DEPRAVAÇÃO TOTAL E COMENSALIDADE

A Bíblia nos ensina que a *queda do homem* no Éden, narrada pelas Escrituras no livro de Gênesis, capítulo 3, não foi um ato isolado de desobediência, mas sim um acontecimento catastrófico para a criação como um todo. Ao longo da História, muitos autores trataram sobre o primeiro pecado e seus efeitos sobre vários aspectos da existência humana, até a construção da doutrina da *depravação total* na forma como a conhecemos hoje, como uma das doutrinas centrais do Cristianismo Reformado. Basicamente, essa doutrina postula que os seres humanos, em sua totalidade, estão completamente corrompidos pelo

⁴ Levítico 11.1–47

pecado e, portanto, inclinados ao mal e controlados pela intensa e vibrante vontade de fazer o que é mal. O pecado "não está localizado sobre e ao redor dos seres humanos, mas dentro deles e se estende a toda a pessoa e a toda a humanidade"⁵.

Já a comensalidade é a prática de comer juntos e tem como característica principal a partilha, mesmo que nem sempre isso ocorra de forma igualitária. Esse termo é derivado do latim "*mensa*" que significa conviver à mesa⁶. A comensalidade nos mostra que a essência do ser humano é comer de forma coletiva e essa característica distingue o ser humano dos animais, não apenas pela cozinha, mas também pela função social das refeições, desde externar as regras da identidade de um grupo, identificar os estratos sociais⁷, distinguir níveis de honra entre pessoas ou simplesmente o desfrute de uma refeição especial e prazerosa entre pessoas.

Inserida nesse vasto cenário histórico, a cultura judaico-cristã também se apresenta em torno da comensalidade, não só entre os homens e os deuses, mas também entre os homens e os animais. E foi justamente a violação de uma interdição alimentar que rompeu o elo entre o criador e a sua criação, que acabou sendo condenada a alimentar-se do seu trabalho. A alimentação judaica passa então a ser caracterizada não pelas considerações nutritivas ou gastronômicas, mas essencialmente por um conjunto de leis, que denotavam uma espécie de característica distintiva entre os demais povos⁸.

No Novo Testamento, em ruptura com certas particularidades judaicas, a alimentação foi, de certa forma, universalizada, exceto pela proibição de se alimentar de sangue que, vinda de Levítico 11, permaneceu nos Atos dos Apóstolos⁹, "mas sacralizou alguns alimentos particulares: a trindade mediterrânea do pão, vinho e óleo" (CARNEIRO, 2003, p. 85).

2 MESA E ADORAÇÃO

A primeira e, certamente, a mais conhecida pergunta que lemos no Breve Catecismo de Westminster é a seguinte: "Qual é o fim principal do homem? O fim principal do homem

⁵ BAVINCK, 2012, p. 82

⁶ MOREIRA, 2010, p. 23

⁷ O termo estrato social ou estratificação social é usado no campo da Sociologia para a classificação que envolve indivíduos em grupos, de acordo com suas condições socioeconômicas, analisando quando uma pessoa ou um grupo social leva vantagem ou tem privilégios em detrimento de outros.

⁸ Levítico 11 e Deuteronômio 14

⁹ Atos 15.20

é glorificar a Deus, e gozá-lo para sempre"(ASSEMBLÉIA DE WESTMINSTER, 2001, p. 7).

Para fundamentação dessa resposta, uma das referências bíblicas citadas é a passagem de 1 Coríntios 10.31: "Portanto, quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus". Quando esse versículo é analisado em seu contexto mais amplo, nota-se que o mandamento de Paulo de fazer tudo para a glória de Deus se relaciona com os ídolos culturais e tem a ver com a consciência cristã do indivíduo e da forma como ele vive diante de um mundo incrédulo. Nesse sentido, a prática de preparar, comer e compartilhar alimentos tem um significado comunicativo muito importante e que vai além daquilo que está inicialmente visível no cotidiano.

2.1 Códigos e ritualização

O ato de compartilhar a comida pode ser uma ocasião repleta de códigos que, na maioria das vezes, passam praticamente despercebidos, afinal, estar à mesa com o chefe ou com os pais, ou ainda em um jantar romântico, apresentam características completamente distintas umas das outras. A forma como se serve o prato e o tamanho das porções variam de acordo com o ambiente da refeição. Nos restaurantes mais sofisticados, por exemplo, as comidas são servidas em porções menores, enquanto nos restaurantes populares as porções são maiores. O código de conduta nesses ambientes é também muito diverso, ou seja, a forma como o indivíduo se porta à mesa, as roupas que ele veste e até mesmo o tom de voz adequado em cada um desses ambientes são distintos e isso abrange também todos os demais presentes, mesmo que exercendo diferentes funções, como na abordagem do garçom, a roupa que será utilizada, a forma como a comida é servida ou ainda a forma como se paga a conta. Esses códigos, mesmo que implícitos ou inconscientes, são parte do que torna uma cultura única e que regulam questões como hierarquia e intimidade entre pessoas. Mais ainda, esses códigos mostram que uma refeição é uma atividade altamente ritualizada¹⁰.

Na ótica bíblica a comida também se mostra repleta de códigos e ritualizações. Esses códigos estão intimamente relacionados com as narrativas bíblicas e com a História do povo judeu, desde a dieta específica de Adão¹¹ no jardim, passando pelas consequências do pecado, através do esforço vitalício para tirar o seu sustento dessa

¹⁰ MARSHALL, 2005, p. 10

¹¹ Gênesis 1.29

terra¹², seguindo através do dilúvio, quando Noé e seus descendentes podem dispor à vontade de "tudo o que se move e vive"¹³, passando por Abraão, quando não negou o seu único filho como sacrifício a Deus¹⁴, pelos sonhos alimentares de José¹⁵ e a prosperidade alimentar do Egito¹⁶; continua no pacto da Terra Prometida, "uma terra que mana leite e mel"¹⁷, na instituição da primeira Páscoa¹⁸, na fuga com os pães asmos¹⁹ e no envio do maná e das codornizes²⁰. Entre os profetas, o Senhor diz explicitamente ao profeta Ezequiel²¹ que é preciso comer as palavras de Deus; com Amós²², Deus envia fome das palavras do Senhor sobre o povo de Israel. Várias bênçãos acompanham a rotina de cada refeição e até os dias de hoje um dos principais momentos de estudo judeu acontece quando "come-se a Torá", ou seja, falando sobre seus ensinamentos ao longo de uma refeição. A mesa é tão impregnada da presença divina que a tradição incentiva que os sábios sejam enterrados na madeira de suas mesas. A refeição também é uma oportunidade para respeitar certo número de proibições. Nas comunidades judaicas dispersas, as refeições são um momento essencial de socialização, estabilidade e transmissão. Ela está nos encontros familiares das noites de *Shabat*²³, na educação das crianças, na organização da vida comunitária e quando os viajantes vêm trazer notícias de outras comunidades e do mundo. No momento à mesa a criança faz todas as perguntas e aprende, pois contrariamente às outras tradições, no judaísmo não se determina que as crianças se caleem à mesa, mas, ao contrário, elas são encorajadas a falar. Diversas tradições judaicas posteriores ainda associam o alimento à língua. Assim, come-se coisas cujo significado simbólico, pelas letras que compõem a palavra que as designa, remete a votos ocultos,

¹² Gênesis 3.17-19

¹³ Gênesis 9.3

¹⁴ Gênesis 22.12

¹⁵ Gênesis 37.7; 40.12-19; 41.25-27

¹⁶ Gênesis 41.54-57

¹⁷ Êxodo 3.8

¹⁸ Êxodo 12.8-11

¹⁹ Êxodo 12.17-20

²⁰ Êxodo 16-18

²¹ Ezequiel 3.1-4

²² Amós 8.11

²³ O *Shabat* é o dia de descanso semanal no judaísmo, que começa ao pôr do sol de sexta-feira e termina ao anoitecer de sábado. É um dos pilares fundamentais da fé judaica e tem origem nos relatos bíblicos da criação, tornando-o um dia especial de descanso e conexão espiritual.

em particular durante as refeições do *Pessach*²⁴. Em certas tradições judaicas, por exemplo, cozinham-se biscoitos com alimentos muito específicos, cujas letras que compõem as palavras que os designam traduzem votos bem precisos²⁵.

Portanto, quando nos alimentamos da Bíblia, vamos perceber que cada palavra neste livro tem a intenção de realizar algo em nós. A Palavra nos dá saúde integral, vitalidade e santidade, para toda a nossa alma e nosso corpo. É por isso que a Comunidade Cristã tem investido uma quantidade enorme de energia, inteligência e oração para aprender como "comer este livro", seguindo o exemplo de João em Patmos, Jeremias em Jerusalém e Ezequiel na Babilônia. Nós não necessitamos saber tudo para chegar à mesa, mas isso nos ajuda a conhecer algo especial já que tantos dos nossos contemporâneos tratam isso como apenas um aperitivo²⁶. Fato é que "na vida cotidiana do povo judeu, tudo o que se come é uma expressão da palavra divina. A mesa da refeição é, ela mesma, é um símbolo do Templo; é um altar" (ATTALI, 2021, p. 47).

2.1.1 A mesa e o santuário: a vida pela morte

Comer é uma lembrança diária da vida e da morte. Em um dos ensinamentos de Jesus, registrado no Evangelho de João²⁷, a semente que produz o fruto da vida precisa morrer primeiro no chão, mostrando que para uma vida ser plena, ela precisa ser ofertada. Na cultura judaica a vida pela morte está associada à consciência do homem. Portanto, o abate de um animal não pode ignorar a consciência de que este ato envolve a morte de outrem e esse discernimento é importante antes de um indivíduo optar por uma abstinência ou que essa seja adotada por motivos menos nobres²⁸.

Levítico, capítulo 1 a 4 especifica as espécies adequadas para o sacrifício. Basicamente, essas espécies são animais domésticos²⁹, criados pelos israelitas nas aldeias

²⁴ *Pessach* é uma das festas mais importantes do calendário judaico, comemorada anualmente para celebrar a libertação dos israelitas da escravidão no Egito, conforme descrito na narrativa bíblica do Êxodo. Essa festa tem uma profunda importância histórica e religiosa para o povo judeu e é celebrada durante sete ou oito dias, dependendo da tradição judaica seguida. Na primeira noite do *Pessach*, ocorre o *Seder Pessach*, que é uma cerimônia ritualística e uma ocasião especial de refeição, onde os participantes seguem um roteiro específico de atividades, orações, canções e símbolos, tudo projetado para transmitir a história e os ensinamentos do Êxodo. Para esse roteiro, utiliza-se o *Hagadá*, que é um livro onde está uma série de orações, canções, histórias e símbolos que ajudam a conduzir a cerimônia do *Seder*. Durante o *Seder*, a *Hagadá* é lida em sequência, seguindo um roteiro específico para lembrar a história da escravidão e da libertação do povo judeu e transmitir os valores e tradições de *Pessach*.

²⁵ ATTALI, 2021, p. 50

²⁶ PETERSON, 2004, p. 10

²⁷ João 12.24-25

²⁸ BONDER, 2010, p. 90

²⁹ בְּחַיִּים - *b'hē-māh* – Geralmente se refere a animais domésticos em oposição a animais selvagens. Muitas vezes indica animais domésticos maiores, por isso a palavra "gado" em diversas versões. (WENHAM, 2021, p. 41)

e nos campos. Dessa forma, "no Oriente Próximo antigo, abater animais domésticos era considerado, em certo período, como forma de Sacrifício" (HARRISON, 1983, p. 166). Para Carson, o sacrifício de um animal doméstico representava, para o ofertante, um custo de verdade³⁰. Essa "consciência sacrificial" pode ser percebida claramente quando Davi afirmou que não apresentaria ao Senhor uma oferta que nada lhe custasse³¹. Assim, o uso do animal doméstico para o sacrifício faz sentido em vários níveis: em primeiro lugar, o animal é produto do trabalho e da riqueza daquele que adora a Deus, ou seja, é uma dádiva dos próprios bens do adorador e tem um valor pessoal porque foi cuidado e mantido pelo adorador. Em segundo lugar, o animal doméstico é análogo ao próprio adorador, porque ele vive no mesmo domínio familiar, muitas vezes comendo e dormindo na casa do adorador, isso porque os animais costumavam ser criados no andar térreo ou à volta da casa tipicamente israelita³².

2.2 Aliança e redenção

As leis alimentares dadas por Deus apontam para a santidade da comensalidade, pois elas relacionam a mesa do povo de Deus com o altar. Portanto comer é estar diante de Deus, reconhecendo que ele é o nosso criador, nosso legislador e nosso redentor. A morte do Messias numa cruz foi a maneira de restaurar a aliança com Deus. Antes que o sangue do Cordeiro de Deus fosse vertido e seu corpo sacrificado, a lição dada por Jesus era que o seu sangue e o seu corpo fossem lembrados ao redor de uma mesa.

Assim como Israel foi constituído pela antiga aliança mosaica, compara Tim Chester, a nova comunidade de Jesus é fundada com uma nova aliança. Essa "aliança", conforme registrado em Lucas 22.20³³, é um termo relacional que significa um vínculo de lealdade e compromisso. É uma promessa formalmente acordada. No Sinai, Deus prometeu ser o Deus de Israel se Israel fosse seu povo, mas Israel quebrou a aliança³⁴. Na nova aliança, Jesus é o elo entre Deus e a humanidade. Ele é o Filho de Deus e o fiel representante do povo de Deus. Portanto, esta aliança é eterna e segura, porque repousa na perfeita fidelidade de Cristo. Ele não sucumbe à tentação. Ele não vive só de pão. A

³⁰ CARSON, 2020, p. 194

³¹ 2 Samuel 24.24

³² HENDELL, 2007, p. 5

³³ "Semelhantemente, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: Este é o cálice da nova aliança no meu sangue derramado em favor de vós." Lucas 22.20 (ARA)

³⁴ Jeremias 31:31-32

nova aliança³⁵ promete não apenas um povo que conhece a Deus, mas um povo que é renovado³⁶.

3 MESA E COMUNHÃO

As Escrituras nos apresentam também histórias que narram a reunião de pessoas em torno da mesa, celebrando a comunhão em um aspecto horizontal, ou seja, relacionamentos humanos que celebram juntos a promessa divina da provisão e ao mesmo tempo anunciam a autorrevelação de Deus na História.

Ao longo dos tempos, participar de um banquete é, com efeito, um sinal de comunhão e identidade, é fazer parte do mesmo grupo³⁷. Apesar disso, infelizmente o cenário dos nossos dias nos apresenta um distanciamento da comunhão nos relacionamentos entre os próprios irmãos na fé, que aos poucos foram deixando de lado a comunhão que os santos têm em Cristo por meio do Espírito, dado às diferenças que carregam entre si. Paulo, escrevendo aos Coríntios, se referia à maneira irreverente como comiam, citando de forma específica a carne que havia sido sacrificada a deuses pagãos, que os fazia "tropeçar" na fé. Paulo está claramente preocupado que os coríntios não estejam dando testemunho da presença de Cristo entre eles. Pessoas que afirmavam ser seguidoras de Cristo estavam comendo 'sem considerar o corpo', o que significa que estavam comendo e bebendo de maneira que causavam divisão e dano à associação³⁸. Os crentes coríntios se reuniam para uma refeição, mas de uma maneira disfuncional, que não refletia o verdadeiro evangelho. A comensalidade foi deixada de lado, seja no tempo, na provisão ou ainda na postura³⁹. A resposta de Paulo, entretanto, não é abolir a refeição, mas realinhá-la à cruz⁴⁰.

Na visão de Paulo, uma refeição que aponta para Cristo seria aquela que nutre e alimenta "um só corpo"⁴¹. Nessa associação, ninguém é dispensável, "nenhum membro é insignificante demais para ser servido e nenhum membro é importante demais para não servir"(WIRZBA, 2013, p. 203).

³⁵ Jeremias 31:33-34 e Hebreus 8

³⁶ CHESTER, 2011, p. 113

³⁷ FLANDRIN e MONTANARI, 2020, p. 238

³⁸ WIRZBA, 2013, p. 202

³⁹ "Porque, ao comerdes, cada um toma, antecipadamente, a sua própria ceia; e há quem tenha fome, ao passo que há também quem se embriague" (1 Coríntios 11.21)

⁴⁰ 1 Coríntios 11.29

⁴¹ 1 Coríntios 12.12

A Páscoa, a Festa dos Tabernáculos, as Festas da Lua Nova e a Festa do Jubileu estavam entre algumas das celebrações que lembravam a promessa da provisão de Deus sobre o seu povo. A comida era uma forma essencial de arrependimento, celebração e conexão entre os celebrantes⁴². Histórias sobre os elementos da mesa relacionados à comunhão se estendem também por todo o Novo Testamento, incluindo o primeiro milagre de Jesus ao transformar água em vinho em um casamento⁴³, milhares de pessoas que foram alimentadas por meio do lanche de um menino⁴⁴, o café da manhã que os discípulos tomaram na praia com Jesus, depois de uma longa noite de pesca⁴⁵, as refeições feitas nas casas com Jesus ao lado dos cobradores de impostos⁴⁶. Os exemplos de ingredientes como metáforas, desde a semente até os efeitos do sal e do fermento, até a multiplicação de peixes e pães. Jesus rejeita os sistemas sociais de rejeição e exclusão, acolhendo a todos em comunhão consigo. O companheirismo à mesa torna possíveis encontros genuínos com os outros e ao comer livremente com todo tipo de gente Jesus rompe e questiona todos os *tabus* sociais que mantêm as pessoas separadas⁴⁷.

No sermão de Jesus registrado no Evangelho de João⁴⁸, no capítulo 6, assim como nos relatos da última ceia com seus discípulos⁴⁹, ao se oferecer como sacrifício perfeito, cumprindo as profecias, Jesus se coloca como elemento essencial de todas as mesas, para todos os tempos. Os ensinamentos de Jesus na última ceia nos mostram que a verdadeira comunhão vai muito além de apenas beber do vinho e comer o pão. A verdadeira comunhão com Deus só pode ser experimentada ao compartilhar as refeições juntos, se lembrando do sacrifício de Jesus. Na identidade formada em torno da mesa com a criação, Deus comunica sua identidade e dá uma resposta à aliança: um convite para vir e receber as provisões do Criador, para vir e partir o pão juntos⁵⁰.

No centro da adoração da comunidade cristã primitiva, estava a celebração da Ceia do Senhor, que na época era conhecida por nomes diferentes. Por um lado, a igreja primitiva costumava se reunir e celebrar o que chamavam de “Festa de ágape” ou “Festa

⁴² HURLLOW, 2020, p. 18

⁴³ João 2.1-11

⁴⁴ João 6.9-12

⁴⁵ João 21.1-14; Lucas 5.1-11

⁴⁶ Mateus 9.9-13; Lucas 5.27-32; Lucas 19.1-10

⁴⁷ WIRZBA, 2014, p. 199

⁴⁸ João 6.53-56

⁴⁹ Mateus 26.26-29, Marcos 14.22-25, Lucas 22.16-20

⁵⁰ HURLLOW, 2020, p. 25

do amor”, na qual celebravam o amor de Deus e o amor mútuo que desfrutavam como cristãos, nesta refeição santa. Posteriormente, a Ceia do Senhor foi chamada “Eucaristia”, tomando sua definição do verbo grego *eucharisto*⁵¹, que significa “agradecer”. Nesse sentido, um aspecto claro da Ceia do Senhor está no ajuntamento e comunhão do povo de Deus, para expressar sua gratidão pelo que Cristo realizou em favor deles, por meio de sua morte⁵². Portanto, o sacrifício cristão tem a ver com aprender como fazer da própria vida uma dádiva que cria comunhão⁵³.

3.1 Lembranças de Graça

Jesus entende muito bem a necessidade humana de relembrar momentos importantes. Quando se reuniu com seus discípulos no cenáculo, ordenando-os a repetirem a ceia em lembrança dele⁵⁴, foi como um recado especial, para que eles nunca esquecessem o que eles iriam experimentar nas vinte e quatro horas seguintes, da morte, do derramamento de sangue e do corpo partido. E, assim, por dois mil anos, a igreja tem lembrado a morte de Cristo, neste memorial sagrado que é a Ceia do Senhor. A própria palavra apostatar, que significa "um deixar ir" ou "esquecimento”, tem uma ligação linguística importante aqui. Jesus morreu há dois mil anos, mas por todo o mundo, em todo momento, pessoas estão em algum lugar no mundo, partindo o pão, bebendo o vinho, com os corações gratos, lembrando a morte de Cristo, até que ele venha⁵⁵.

Nesse sentido, agradecer ou oferecer uma bênção de ação de graças antes de uma refeição está entre as expressões mais sinceras e elevadas de nossa humanidade. Nesse ato nos colocamos em um lugar de humildade diante de Deus e dos outros⁵⁶. Para Warren, a gratidão à mesa, além de ser uma expressão de louvor à Deus é também uma forma de se construir vínculos duradouros de comunhão. O ato cotidiano familiar de sentar-se à mesa com gratidão ensina a criança, independentemente da idade, um hábito de pausar antes de comer para um momento de gratidão⁵⁷. Chester acrescenta ainda que quando expressamos gratidão à mesa, fortalecemos nossa dependência diária de Deus e nossa dependência dos outros ao agradecermos por aqueles que cultivaram, processaram,

⁵¹ εὐχαριστο [eucharisto] - Agradecer. Dar graças.

⁵² SPROUL, 2013, p. 7

⁵³ WIRZBA, 2014, p. 178

⁵⁴ Lucas 22.19

⁵⁵ SPROUL, 2013, p. 21

⁵⁶ WIRZBA, 2014, p. 237

⁵⁷ WARREN, 2021, p. 43

compraram e cozinham nossa comida⁵⁸. "Em volta da mesa e diante de testemunhas, testificamos a experiência da vida como um dom precioso a ser recebido e dado novamente. Reconhecemos que não vivemos e não podemos viver sozinhos, mas somos os beneficiários da bondade e dos mistérios da graça" (WIRZBA, 2014, p. 238).

3.2 Fome e sede de uma vida sacramental

Apesar dos séculos de *secularismo*⁵⁹, aqueles que tentaram transformar a alimentação em algo estritamente utilitário falharam, afirma Alexander Schmemmann. A comida até hoje é tratada com reverência e uma refeição ainda é um rito, uma espécie de "último sacramento natural" da família, de amizade e da vida. E isso é muito mais do que comer e beber. Não por acaso a história bíblica da *queda* foi centrada na comida. Quando o homem comeu o fruto daquela árvore, independente de um possível significado mais profundo que isso possa carregar, o fato é que esse fruto era diferente de todas as outras frutas no Jardim. Ele não foi oferecido como um presente para o homem, não foi dado e não foi abençoado por Deus. Era comida cuja alimentação foi condenada a ser comunhão consigo mesma, sozinha e não com Deus. Esse fruto era a imagem do mundo amado para si, e comê-lo é a imagem da vida entendida como um fim em si mesmo⁶⁰.

Essa forma egoísta de se entender a vida se manifestou também nas primeiras comunidades cristãs. Conforme lemos em Atos⁶¹, Cornélio era um oficial do exército romano, homem justo e temente a Deus. Após uma visão, Cornélio foi instruído por Deus a enviar homens até Pedro para trazê-lo a fim de se encontrar com Cornélio. Enquanto os homens enviados por Cornélio estavam a caminho da casa onde Pedro estava, Deus deu uma visão alimentar a Pedro⁶². O fato ocorrido com Pedro nos mostra que a alimentação é também uma linguagem e uma lente através do qual a cultura se comunica e esclarece seus valores, estruturas e prioridades. A visão de Pedro sugere que a diferença alimentar se torna um problema quando ela é a base para a divisão. A questão não é se culturas

⁵⁸ CHESTER, 2011, p. 74

⁵⁹ Secularismo é um modo de vida e de pensamento que é seguido sem referência a Deus ou à religião. Trata-se de uma abordagem que procura separar questões religiosas e espirituais das instituições políticas e governamentais. A raiz latina *saeculum* referia-se a uma geração ou a uma era. "Secular" veio a significar "pertencente a esta era, mundana". Em termos gerais, o secularismo é uma cosmovisão e um estilo de vida que se inclina para o profano mais do que para o sagrado, o natural mais do que o sobrenatural. Essa inclinação para o profano, em vez do sagrado, tem contaminado a igreja de um modo cada vez mais abrangente, principalmente no que diz respeito à relativização cultural da ideia de verdade.

⁶⁰ SCHMEMANN, 1998, p. 16

⁶¹ Atos 10.22

⁶² Atos 10.11-16

devem ser distintas, mas se as diferenças culturais expressas através da comensalidade têm ou não o poder de dividir e alienar pessoas umas das outras⁶³.

Amar não é fácil, e a humanidade caída insiste por não voltar ao Amor de Deus. O homem amou o mundo, mas como um fim em si mesmo e não de forma transparente diante de Deus. O mundo é caído porque caiu da consciência de que Deus é tudo em todos. A acumulação deste desrespeito a Deus é o *pecado original* que arruína o mundo e nesse cenário, a religião aceitou também o secularismo que tenta roubar o mundo, colocando-o "longe" de Deus⁶⁴.

Assim como Pedro, a comunidade cristã de hoje precisa aprender que a paz de Cristo não permite que pessoas mostrem parcialidade, mas sim acolhimento e solidariedade entre estranhos. Para a comunhão ser "em Cristo", os cristãos precisam aprender a fazer parcerias com pessoas de diferentes contextos e a comunidade deve ser construída a partir da diversidade e não da igualdade e Cristo se abre a todos, mostrando a abrangência multicultural do reino de Deus⁶⁵.

4 MESA E MISSÃO

A igreja precisa urgentemente se reencontrar em sua missão, outrora perdida, apontando o caminho para uma humanidade faminta e cega, que precisa "provar e ver" a bondade de Deus⁶⁶. As criaturas estão vivendo uma forma de vida deficiente e o que elas precisam é da cura em que a igreja, entendida como a continuação na Terra das práticas ou do modo de ser de Cristo, tem um papel vital a desempenhar. Essa cura pode ser vislumbrada na mesa eucarística e nas relações transformadas de modo a dar testemunho da vida verdadeira⁶⁷. Dentro da igreja as pessoas são batizadas e se reúnem em torno da Mesa do Senhor. Ao mesmo tempo, porém, os cristãos precisam estar ocupados, atuando como sal num mundo corrompido e de luz num mundo em trevas⁶⁸. Nós fomos redimidos para que o grande banquete messiânico seja antecipado por nós, por isso, quando comemos juntos como uma comunidade cristã, anunciamos Cristo em missão para que outros ouçam o

⁶³ WIRZBA, 2014, p. 226

⁶⁴ SCHMEMANN, 1998, p. 16

⁶⁵ WIRZBA, 2014, p. 228

⁶⁶ SCHMEMANN, 1998, p. 13

⁶⁷ WIRZBA, 2014, pp. 198-199

⁶⁸ CARSON, 2012, pp. 136

convite e venham participar da festa conosco. Criação, redenção e missão, tudo existe para que esta refeição possa acontecer⁶⁹.

4.1 Mesa e missão no A.T.

Em Deuteronômio o povo de Israel recebe várias leis de Deus⁷⁰. Nessas leis, um importante elemento aparece como explicação para que Israel mantivesse distância de alguns tipos de relacionamento com outros povos⁷¹.

Inicialmente Deus trata sobre a questão da admissão na assembleia⁷² (*qahal*) do Senhor, que se refere ao povo da aliança de Deus, especialmente quando reunido em sua presença. Assim, entrar na assembleia indicaria uma pessoa que se torna um verdadeiro israelita e que, portanto, participaria da adoração ao Senhor. No caso dos moabitas e amonitas, o motivo apontado para que eles não fossem aceitos na Assembleia de Israel foi porque eles não saíram ao encontro de Israel no deserto com pão e água. Ou seja, há um alto valor aqui para a ação de dar e oferecer comida àqueles que estão em necessidade. Israel deveria cortar relações com os moabitas e amonitas porque eles não foram hospitaleiros, porque eles não ofereceram comida quando Israel estava pelo deserto. "Embora os judeus normalmente oferecessem hospitalidade ao povo de Deus em geral, eles ofereciam o mesmo a viajantes desconhecidos. [...] Deixar de fazê-lo era considerado uma ofensa grave" (SMITHER, 2021, p. 12).

Ao mesmo tempo, os descendentes de Esaú, irmão de Jacó, não deviam ser considerados inimigos, de acordo com o texto de Deuteronômio, tanto pelo laço de irmandade⁷³, mas também porque eles seriam importantes naquele contexto, já que venderiam pão e água para os israelitas. Ainda que os israelitas fossem impedidos de passar pelo meio do território deles, diferente dos moabitas e amonitas, que não

⁶⁹ CHESTER, 2011, p. 138

⁷⁰ Deuteronômio 19-28

⁷¹ Deuteronômio 23.3-8

⁷² A LXX usa *ekklēsia* cerca de 100 vezes, na maior parte para *qāhāl* (קהל). O termo *ekklēsia* tem o sentido básico de “assembleia” (cf. Dt 9.10; 1Rs 8.65); apenas o acréscimo de *kyriou* dá a ele um sentido teológico (cf. Dt 23.2ss., etc.), ou uma expressão como “de Israel” (1Rs 8.14) ou “dos santos” (Sl 89.5, etc.) O uso de *synagōgē* é similar. Este, também, é muitas vezes usado para *qāhāl*, e tem tanto um sentido geral (“assembleia”) quanto um sentido técnico (“congregação de Israel”). [...] Enquanto *ekklēsia* é quase sempre usado para *qāhāl*, *qāhāl* é traduzido por *ekklēsia* apenas em alguns livros (p. ex., Deuteronômio, Josué, Juízes, Samuel, Reis, Crônicas, Esdras, Neemias, Salmos). Em outros lugares, *synagōgē* é usado como equivalente, ocasionalmente também outros termos como *óchlos* ou *sýstasis*. (SCHMIDT, 2013, p. 443-444)

⁷³ Deuteronômio 23.7

partilharam comida, os edomitas, ainda que partilhando por meio da venda, tiveram um mínimo de hospitalidade⁷⁴.

Já com os egípcios, além de também serem beneficiados por uma atitude mais complacente de Deus, considerando que o Egito foi hospedeiro de Israel em tempos de fome. Deus também inclui uma nova perspectiva, descrita em Deuteronômio 15. Por Israel ter sido escravo no Egito, os israelitas não devem tratar os seus escravos da maneira como eles foram tratados. Devem libertar os escravos a cada sete anos ou a cada 49 anos, ou seja, no 50º ano, o chamado ano do jubileu. Além disso, esse escravo não deve sair de mãos vazias, ou seja, os israelitas deveriam também ser generosos ao libertar seus escravos. "Como os israelitas haviam sido pobres e estrangeiros no Egito e a liberdade conquistada por Israel foi por intermédio da Graça de Deus, agora, o próprio Deus ordena que façam o mesmo pelos outros" (KELLER, 2013, p. 102). A frase-chave para aceitar os egípcios no povo de Israel em Deuteronômio 23 é: "pois estrangeiro foste na sua terra". Essa frase vai aparecer várias vezes em Êxodo, Levítico e Deuteronômio, sendo relacionada com as mais variadas leis. Primeiramente seguindo o mesmo conceito de Êxodo, ou seja, de tratar bem o estrangeiro e respeitar o direito dos necessitados. E essa ampliação que Deuteronômio faz do órfão e da viúva mostra que Israel precisa viver lembrando o quão pesado e duro foi viver como escravo no Egito, para manter o coração e os olhos os ouvidos abertos ao clamor dos necessitados. Portanto, o que deve motivar a ação em favor dos necessitados não é a memória da dor, mas sim a memória da libertação da dor. A graça recebida deve resultar em graça ofertada.

No Cristianismo Reformado o entendimento do *slogan* "*simul iustus et peccator*"⁷⁵., tende a uma transformação do crente, pela graça, que permanece sempre incompleta. A obra do Espírito está dentro da pessoa e da comunidade, transformando ambos pela graça e é isso que torna os sacramentos eficazes: "Os sacramentos cumprem adequadamente seu ofício somente quando o Espírito, aquele mestre interior, vem a eles, por cujo poder somente os corações são penetrados e as afeições movidas e nossas almas abertas para os sacramentos para entrar"(Intitutas, volume IV, Capítulo 14, Seção 9).

⁷⁴ Tal ponto de vista sobre Edom é certamente anterior ao exílio babilônico, quando Edom foi condenado mais amargamente (THOMPSON, 1982, p. 230).

⁷⁵ A tradução desse termo é: simultaneamente justificado e pecador. Essa frase em latim foi cunhada por Martinho Lutero e considerada como essência da visão da Reforma sobre justificação.

O livro do profeta Jeremias apresenta uma descrição, recebida do próprio Deus, sobre os pecados que vão causar a destruição de Jerusalém pelos neobabilônicos⁷⁶: "Engordam, tornam-se nédios e ultrapassam até os feitos dos malignos; não defendem a causa, a causa dos órfãos, para que prospere; nem julgam o direito dos necessitados" (Jeremias 5.28).

A gordura, no mundo antigo era vista como um sinal de prosperidade⁷⁷, afirma Mackay, mas se transformava em algo negativo quando essa prosperidade era vista como excessiva, ou quando adquirida ou usada de modo impróprio. "Nédios" se refere ao pensamento daqueles que são lisos e lustrados por serem gordos e que de modo algum sofrem com a desnutrição⁷⁸. Portanto, engordar⁷⁹ está relacionado a não reconhecer que é Deus quem manda as chuvas, prepara a terra e dá condições para que a comida brote da terra e o homem possa comer. Está também diretamente conectado a maldades específicas, como não julgar a causa do órfão, não deixar que os pequeninos prosperem e não defender o direito dos necessitados. Para Harrison, Jeremias repreende todos os judeus por sua estupidez e falta de discernimento moral. Eles não tinham levado a sério o que a aliança estipulava, e muitos indivíduos sem escrúpulos tinham prosperado às custas dos oprimidos⁸⁰.

Numerosas passagens do Antigo Testamento indicam que a idolatria era um problema em Israel. O desejo de Deus era justiça e não culto hipócrita. Em Isaías⁸¹ notamos que esse tipo de culto fútil é intenso. Suas palavras são severas e saturadas de sarcasmo, suas críticas estão cheias de fúria⁸². O culto de Israel tem uma apresentação estética perfeita, as festas são lembradas e celebradas, no entanto Deus não escuta mais os hinos, não ouve as orações e fecha os olhos para tudo que fazem no santuário. Deus ignora tudo o que eles fazem. Já em Ezequiel⁸³, vemos que a fartura não compartilhada é

⁷⁶ O Império Neobabilônico ocorreu aproximadamente entre 626 a.C. e 539 a.C. na região da Mesopotâmia. Na Bíblia, os neobabilônicos são mencionados principalmente como a potência dominante que conquistou o reino de Judá e exilou o povo judeu na Babilônia.

O rei mais conhecido do Império Neobabilônico é Nabucodonosor II, que governou de 605 a.C. a 562 a.C. Ele é mencionado em várias passagens bíblicas, especialmente no livro de Daniel. Nabucodonosor conquistou Jerusalém em 597 a.C., exilou grande parte da população judaica e destruiu o Templo de Salomão.

⁷⁷ Deuteronômio 32.15; Salmos 92.14; Provérbios 28.25.

⁷⁸ MACKAY, 2018, p. 303

⁷⁹ שמן – shaman - ser ou ficar gordo, engordar; (Qal) gordura (substantivo); (Hifil) tornar gordo, aparecer gordura.

⁸⁰ HARRISON, 1984, p. 62

⁸¹ Isaías 1.10-15

⁸² OSWALT, 2011, p. 108

⁸³ Ezequiel 16.49,50

arrogância, abominação e esquecimento da Graça dada por Deus. A fartura acumulada é um indício do nosso apego à nossa própria justiça, ao nosso próprio mérito. O indivíduo precisa estar cuidadoso quanto à gratidão, para não cair na armadilha de Sodoma. "Falta de gratidão significa a recusa de louvar a Deus, a recusa de desfrutá-lo. Fazer isso é uma provocação frente às bênçãos divinas. Devemos sempre ser gratos a Deus⁸⁴, pois toda boa dádiva vem dele"⁸⁵ (BRINGE, 2014, p. 28). Portanto, a memória da pessoa livre pela ação graciosa de Deus deve impulsionar a sua ação a fim de libertar outros. A memória do ser que recebeu graciosamente de Deus deve impulsionar a sua ação a fim de também ofertar. A compreensão de como o ser humano foi e é tratado por Deus deve impulsionar a sua ação a fim de tratar os outros da mesma maneira.

4.2 Mesa e missão no N.T.

O Novo Testamento geralmente retrata as igrejas como famílias, com Deus como Pai, Jesus como irmão mais velho e outros membros como irmãos e irmãs. Os líderes da igreja são líderes de família e devem provar sua capacidade de administrar sua própria casa antes de poderem administrar a casa de Deus. Esse inclusive é um dos pré-requisitos para os presbíteros: que eles deveriam ser "hospitaleiros"⁸⁶.

As primeiras igrejas se reuniam em casas, em torno de refeições compartilhadas. Suas reuniões eram refeições. A maioria das casas poderia acomodar de trinta a quarenta pessoas em uma reunião, embora estima-se que grupos superiores a cem pessoas tenham se reunido em casas maiores. Há evidências de que, em meados do século II, as casas foram aos poucos se adaptando e se tornaram os primeiros modelos de templo. As igrejas na forma como conhecemos hoje, especialmente construídas para esse fim, são edificadas quando o Império Romano se torna oficialmente cristão, e as igrejas começam a ser construídas no estilo arquitetônico dos templos romanos⁸⁷.

Os cristãos também davam hospitalidade aos irmãos que viajavam. Foi assim que recebiam notícias de outras igrejas e expressaram unidade com elas. "Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração" (Atos 2:46). Na única reunião da igreja local descrita em detalhes, o livro de Atos apresenta o contexto da igreja em Trôade,

⁸⁴ 1 Tessalonicenses 5.18

⁸⁵ Tiago 1.17

⁸⁶ 1 Timóteo 3.2; Tito 1:8; Romanos 16.23

⁸⁷ CHESTER, 2011, p. 51

lemos que eles estavam reunidos para "partir o pão"⁸⁸, mostrando que a igreja se reunia para uma refeição.

Os professores itinerantes viajavam de igreja em igreja para edificá-los, e deveriam receber hospitalidade⁸⁹. João, porém, adverte seus leitores a não mostrarem hospitalidade aos falsos mestres: "Se alguém vem ter convosco e não traz esta doutrina, não o recebais em casa, nem lhe deis as boas-vindas. Porquanto aquele que lhe dá boas-vindas faz-se cúmplice das suas obras más" (2 João 1.10,11). Ou seja, não receber uma pessoa em sua casa significava recusar tanto a cama para passar a noite quanto a posição para que o indivíduo ensinasse em sua igreja doméstica. Isso mostra o quanto a Igreja do Novo Testamento está tão intimamente alinhada com a casa, e a hospitalidade tão intimamente alinhada com a comunhão⁹⁰.

Por meio do encontro de Jesus com a mulher samaritana⁹¹ no poço de Sicar, João registra um exemplo de missão hospitaleira durante o ministério terreno de Cristo. Destacando o movimento deliberado do Senhor nesta região conflituosa entre judeus e gentios, para um povo totalmente rejeitado pelos judeus, João escreve: "era-lhe necessário atravessar a província de Samaria." (João 4:4) No entanto, "enquanto estava em missão com os samaritanos, Jesus escolheu envolver uma mulher de reputação duvidosa. Ou seja, ela era uma pessoa rejeitada dentro de uma sociedade de pessoas já rejeitadas" (SMITHER, 2021, p. 37).

Assumindo uma postura de vulnerabilidade, as primeiras palavras registradas de Jesus à mulher revelam sua necessidade física: "dá-me de beber"⁹². Enquanto a mulher pondera sobre as ações e a identidade de Jesus, considera Smither, o Senhor passa de hóspede a anfitrião, oferecendo-lhe o "dom de Deus" e a "água viva"⁹³. À medida que a conversa continua, a mulher samaritana fala da vinda do Messias. Embora não tenha chegado a hora de Jesus revelar sua identidade nas bodas de Caná, ele se proclama livremente como o Messias para a mulher de Sicar. Deixando seu cântaro no poço, a mulher recebe a água viva de Jesus e deposita sua fé nele, voltando à cidade, agora como testemunha.

⁸⁸ Atos 20.7 e 11

⁸⁹ 3 João 1.5-8

⁹⁰ CHESTER, 2011, p. 52

⁹¹ João 4.1-30

⁹² João 4.7

⁹³ João 4.10

Depois de receber a hospitalidade da mulher no poço, Jesus torna-se o anfitrião divino que convida a mulher a crer. Seu testemunho resulta em mais hospitalidade samaritana para com Jesus, que fica mais tempo como hóspede, proclamando as boas novas, levando à conversão de muitos outros samaritanos⁹⁴.

Essa mesma analogia usada por Jesus com a mulher samaritana, se repete pouco tempo depois, na própria narrativa de João, só que agora diante de uma multidão⁹⁵. Também no sermão proferido no monte das oliveiras⁹⁶, Jesus ministra mais um ensinamento sobre a necessidade da hospitalidade até os últimos dias, ensinando que, sempre que somos hospitaleiros, especialmente quanto aos seus servos, estamos ministrando a ele próprio⁹⁷. Ao mesmo tempo, se virarmos as costas àqueles que têm fome, que necessitam de um lugar para ficar, que precisam de roupa, que precisam ser visitados nas prisões ou nos hospitais, estaremos, na verdade, voltando as costas para Jesus⁹⁸.

“Praticar a hospitalidade” para com todos⁹⁹, especialmente quanto aos cristãos, estava na lista de deveres para com os irmãos, feita pelo Apóstolo Paulo. Essa é uma qualidade essencial da integridade cristã, não uma atividade opcional ou incidental. O Senhor deseja que a sua igreja entenda que esta é a coisa correta a fazer, porque há uma grande necessidade a ser suprida¹⁰⁰.

4.3 O banquete escatológico

Ao seguir o caminho de Jesus, partindo o pão à mesa, reconhece-se que a mesa também aponta para o futuro. A ceia é uma amostra da mesa escatológica no novo céu e nova terra, onde Deus habitará plenamente com seu povo como seu Deus. Lá o objetivo de Deus é totalmente cumprido e Deus se senta à mesa com seu povo como sempre planejou. Na unidade em torno da mesa o Espírito do Deus Vivo trará reforma e renovação ao conflito que o pecado trouxe a toda criação. Na unidade em torno da mesa, a imagem do Deus Trino no homem é restaurada e a identidade dos seguidores de Jesus é realçada¹⁰¹.

⁹⁴ SMITHER, 2021, p. 37

⁹⁵ João 7.37-40

⁹⁶ O Sermão do Monte das Oliveiras deriva seu nome do local onde Jesus o proferiu. Esse sermão está registrado nos três evangelhos sinópticos: Mateus 24, Marcos 13 e Lucas 21.

⁹⁷ Mateus 25.40

⁹⁸ MACARTHUR, 2013, p. 159

⁹⁹ Romanos 12.13

¹⁰⁰ MACARTHUR, 2013, p. 158

¹⁰¹ HURLLOW, 2020, p. 26

Para Sproul, toda vez que celebramos a Ceia do Senhor neste mundo, não devemos olhar apenas para trás, para as realizações passadas de Cristo, mas também para a festa futura que ainda está por se cumprir¹⁰². Participar da Ceia do Senhor envolve uma experiência física de refeição e um ensinamento de Jesus, para que nos lembrássemos dele, no entanto, a Ceia também aponta para o objetivo final da história, que também é uma refeição, o banquete do casamento do Cordeiro¹⁰³.

As Bodas do Cordeiro é um evento descrito no livro do Apocalipse, no capítulo 19 e sempre recheada de muitas discussões teológicas, principalmente relacionadas à ordem cronológica dos acontecimentos e as diferentes linhas escatológicas. No entanto, para este artigo, o foco está no fato em si, que aponta para o retorno de Cristo, o convite dos justos que estarão presentes nesse grande evento e a condenação da besta e do falso profeta. Ao mesmo tempo, para os pecadores, o texto aponta que a destruição ocorrerá em três estágios. No primeiro, Cristo vem montado em um cavalo de guerra branco, acompanhado dos exércitos celestiais, carregando uma espada afiada para destruir as nações¹⁰⁴. Depois, as aves de rapina são convidadas para a "grande ceia de Deus" (que é um claro contraste com as bodas do cordeiro de apocalipse 19.7), para se banquetear com a carne daqueles que estão prestes a morrer¹⁰⁵. Finalmente, ocorre a batalha onde os exércitos da besta são destroçados¹⁰⁶.

Apesar de nos capítulos anteriores o Apóstolo João também ter registrado algumas referências acerca desse momento, apenas no capítulo 19 é que a revelação se torna mais clara e nos fornece mais detalhes. "Cristo é o principal personagem nessa passagem e nela encontramos um dos retratos mais impactantes dele já descritos" (OSBORNE, 2014, p. 749).

Portanto, reunidas em torno de uma mesa, inspiradas por Cristo e permanecendo com ele, as pessoas vivem os movimentos de auto oferta sacrificial, recepção agradecida e relações reconciliadas. Se isso é verdade, então é também verdade que na mesa de Cristo as pessoas não degustam meramente o pão e o vinho, elas também degustam o céu. Ganham um vislumbre da vida em sua graça, plenitude e verdade¹⁰⁷.

¹⁰² SPROUL, 2013, p. 32

¹⁰³ KELLER, 2010, pp. 134-135

¹⁰⁴ Apocalipse 19.11-16

¹⁰⁵ Apocalipse 19.17-18

¹⁰⁶ Apocalipse 19.19-21

¹⁰⁷ WIRZBA, 2014, pp. 303-304

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A desarmonia do homem com Deus se mostra nos padrões atuais de produção e consumo, baseados na realização constante dos desejos humanos, nas monoculturas, no uso excessivo de agrotóxicos, nas demandas de se colher o mesmo alimento durante todo o ano, na força da industrialização, na ação dos mercados globais e na forma como a humanidade passou a compreender e se relacionar com o alimento.

Os efeitos da *queda* são percebidos por meio das compulsões, doenças, alergias, vícios, diabetes, infecções e transtornos. Essas implicações se revelam na mentalidade hedonista impregnada em nossa cultura, no desaparecimento da mesa familiar, da hospitalidade, da comunhão, do companheirismo e da solidariedade, afinal, isso exige tempo, energia e esforço demais. Os reflexos da *queda* estão na igreja, que padece com uma espécie de sedentarismo espiritual, se fartando de receber, mas incapaz de se levantar e cumprir a missão pela qual foi incumbida.

A proposta bíblica diante da humanidade afetada pela depravação total aponta para a regeneração, e a regeneração está em toda a criação. Vida que gera outra vida, semente que gera nova semente. Nesse sentido, a nossa nova vida parte do próprio Cristo, que se deu para que também tivéssemos vida. E essa deve ser a nossa cosmovisão como igreja: um povo que obedece a missão que o Senhor nos comissionou, levando por todo mundo a regeneração por meio do Evangelho, pregado não apenas com a voz, mas também por meio do testemunho da hospitalidade, do companheirismo e da solidariedade.

Por causa de Cristo, somos bem-vindos à mesa. A grande celebração da fé cristã, que é a Eucaristia, a Santa Ceia do Senhor, celebra a vida de forma comunitária e a memória do nosso Salvador, que veio nos regenerar e nos reconectar com o nosso Criador, por meio do pão e do vinho, que simbolizam o corpo e o sangue de Cristo.

Como Ele nos amou e nos libertou, também somos chamados para amar e libertar. E essa dimensão em torno da comensalidade, da comida e da bebida, precisam estar claras para igreja do Senhor hoje. Aprender essa relação nos faz entender que não se trata apenas de pregar um evangelho, mas se trata também de compartilhar aquilo que nós comemos e temos.

Chegou a hora de nós, como corpo de Cristo, vivermos o Evangelho na perspectiva correta, como elementos ativos da justiça de Deus nessa terra, promovendo a regeneração e aplacando a fome física e espiritual do mundo, com o coração grato diante

de uma mesa farta que o Senhor preparou para nós e nos convidou a repartir, como seus imitadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSEMBLÉIA DE WESTMINSTER. **O Breve Catecismo de Westminster**. 6a ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

ATTALI, Jacques. **A epopeia da comida: uma breve história da nossa alimentação**. São Paulo: Vestígio, 2021.

BAVINCK, Herman. **Dogmática Reformada**. volume 3, 1ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

BENITEZ, Raúl Osvaldo. **Perdas e desperdícios de alimentos na América Latina e no Caribe**. Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura, 2019. Disponível em: <<https://www.fao.org/americas/noticias/ver/pt/c/239394/>>. Acesso em: 07 de junho de 2023.

BERKHOF, Louis. **Teologia sistemática**. São Paulo: Cultura Cristã. Edição do Kindle, 2019.

BERTHOUD, Jean-Marc. **Animais impuros: uma abordagem bíblica**. Brasília: Monergismo, 2020.

BONDER, Nilton. **A cabala da comida**. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

BOSCH, David J. **Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão**. São Leopoldo: EST, 2007.

BRINGE, Peter. **A filosofia cristã da alimentação**. Tradução de Josafás Cardoso Júnior. Brasília: Monergismo, 2014.

CALVINO, João. **Institutas da religião cristã**. Edição do Kindle, 2018.

CARSON, D.A. **Cristo e cultura: uma releitura**. São Paulo: Vida Nova, 2012.

CHESTER, Tim. **A meal with Jesus: discovering grace, community and mission around the table**. IVP. Edição do Kindle, 2011.

FIELDHOUSE, Paul. **Food and nutrition: customs and culture**. 2nd ed. London: Chapman & Hall, 1995.

FLANDRIN, Jean-Louis. MONTANARI, Massimo. **História da alimentação**. São Paulo: Estação Liberdade, 2020.

HARRISON, Roland K. **Levítico: introdução e comentário**. São Paulo: Mundo Cristão, 1983.

HENDELL, Ronald. **Table and Altar: the anthropology of food in the priestly Tora.**

To Break Every Yoke: Essays in Honor of Marvin L. Chaney, nº 3, pp. 131-48. Jan.

2007 Disponível em:

<[https://www.academia.edu/16417548/Table and Altar The Anthropology of Food in the Priestly Torah](https://www.academia.edu/16417548/Table_and_Altar_The_Anthropology_of_Food_in_the_Priestly_Torah)>. Acesso em: 15 de maio de 2023.

HURLOW, Julia. **Transcendence at the table: a transfigurational experience while breaking Bread Together.** Eugene: Wipf & Stock. Edição do Kindle, 2020.

KELLER, Timothy. **Justiça generosa: a graça de Deus e a justiça social.** São Paulo: Vida Nova, 2013.

MACARTHUR, John. **O poder da integridade.** São Paulo: Cultura Cristã. Edição do Kindle, 2013.

MACKAY, John L. **Comentários do Antigo Testamento - Jeremias.** São Paulo: Cultura Cristã, 2018.

MARSHALL, David. **Food as ritual, routine or convention? *Consumption, Markets and Culture***, vol. 8, no. 1, pp. 65-85, mar. 2005. Disponível em:

<https://www.pure.ed.ac.uk/ws/portalfiles/portal/37070927/CMC05_Marshall_text.pdf>. Acesso em: 10 de Maio de 2023.

MOREIRA, Sueli A. **Alimentação e comensalidade: aspectos históricos e antropológicos.** Cienc. Cult, São Paulo, v. 62, n. 4, Oct. 2010.

OSWALT, John N. **Comentário do Antigo Testamento – Isaías - Vols 01 & 02.** São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

PETERSON, Eugene. **Coma este livro: a comunidade santa à mesa com as Sagradas Escrituras.** Niterói-RJ: Textus, 2004.

RIDDERBOS, Herman. **A Teologia do apóstolo Paulo: a obra definitiva sobre o pensamento do apóstolo dos gentios.** São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

SCHMEMANN, Alexander. **For the life of the world: Sacraments and Orthodoxy.** St Vladimir's Seminary Press, Nova York, 1998.

SMITHER, Edward L. **Mission as hospitality: imitating the hospitable God in mission.** Eugene: Cascade Books, 2021.

SPROUL, R. C. **O que é a Ceia do Senhor?** São José dos Campos: Fiel, 2013.

VOLF, Miroslav. **Uma fé pública: como os seguidores de cristo podem contribuir para o bem comum.** São Paulo: Mundo Cristão. Edição do Kindle, 2018.

WARREN, Tish H. **Liturgia do ordinário: práticas sagradas na vida cotidiana.** Distrito Federal: The Pilgrim, 2019.

WIRZBA, Norman. **Alimento & fé: uma teologia da alimentação**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.